

As tarefas fundamentais das Forças de Defesa e Segurança na nossa Pátria

A 5 de Novembro de 1981, num grandioso comício ocorrido em Maputo após o desencadeamento da Ofensiva pela Legalidade, o Presidente Samora Machel pronunciou um discurso onde analisou a importância da Ofensiva Política e Organizacional no sector das Forças de Defesa e Segurança. Nessa ocasião, o dirigente moçambicano definiu as tarefas centrais de cada um dos ramos deste sector. Tal como naquela ocasião, hoje também urge tornar bem

claras aquelas tarefas. Aproveitando esta semana dedicada às Forças de Defesa e Segurança, dedicamos esta nossa página à divulgação oportuna de algumas passagens do referido discurso. Nesta mesma página publicamos ainda documentos do período da Luta Armada de Libertação Nacional, que nos parecem igualmente oportunos.

São tarefas fundamentais das Forças Armadas de Moçambique — FPLM: a defesa da soberania nacional; a defesa da integridade territorial do nosso País, da inviolabilidade das nossas fronteiras; a defesa intransigente da unidade nacional; as nossas Forças Armadas são a expressão mais alta da unidade do Povo moçambicano; a defesa da Revolução e das conquistas revolucionárias.

É tarefa das Forças Armadas de Moçambique: a participação activa e decidida na construção do socialismo; o nosso exército não é um exército parasita, de caserna; o nosso exército é um exército que defende a produção e se engaja na produção; o nosso soldado é, antes de tudo, um político armado, um trabalhador.

É tarefa das Forças Armadas de Moçambique: o desenvolvimento permanente dum profundo sentido de classe, as nossas Forças Armadas são o braço armado do Partido Frelimo, da aliança operário-camponesa. Por isso devem purificar permanentemente as suas fileiras, devem dar o exemplo da mais alta moral revolucionária.

Um exército desligado do Povo, separado do Povo, é um exército parasita, inútil.

Na nossa Pátria temos experiência e tradição de estabelecer correctas relações entre o Povo e o Exército. Sem essas boas relações, nunca teríamos conseguido ganhar a guerra de libertação nacional.

Durante a Luta de Libertação Nacional fazia parte do treino, da formação de todo o soldado, a educação política. Actualmente perdemos essa prática, e esse erro conduz-nos a desvios graves na formação dos nossos soldados, que se reflectem no seu comportamento e em especial nas suas relações com o Povo.

Na educação política de todo o soldado, devemos ensinar, em primeiro lugar, o valor do Povo. Devemos ensinar-lhe os objectivos da Revolução, os interesses do Povo, a razão de ser da sua luta, para nele inculcarmos o espírito de servir o Povo.

O exército defende a soberania nacional para permitir ao Povo viver e trabalhar em paz, construir o socialismo em paz.

O soldado deve ser educado para saber que não pode tocar em nada que pertença ao Povo, nem uma linha, nem ponta de fio, nem uma agulha. Muito menos violar mulheres — isto são crimes. Em todas as Revoluções, o crime de violação de mulheres é punido no exército com fuzilamento.

O soldado deve ser ensinado que o Povo é a muralha intransponível que a reacção e o imperialismo nunca poderão vencer.

Os soldados, os nossos jovens, devem ser educados para assumir a grandeza do papel da defesa da soberania e integridade territorial. Devem ser educados para assumirem hoje, nas fileiras do nosso exército, o patriotismo, a generosidade, a coragem, determinação, o heroísmo do nosso Povo, demonstrados ao longo de séculos de resistência e durante a Luta de Libertação Nacional.

Esta educação política, ideológica, patriótica, só pode ser realizada se no seio das Forças Armadas o Partido estiver solidamente implantado.

Outra característica do nosso soldado, além do seu amor e respeito pelo Povo, é a disciplina.

Não a disciplina passiva, mas a disciplina activa, militante, consciente, combatente. A disciplina de quem conhece a sua tarefa e está consciente da sua missão.

A disciplina de quem tem um programa, de quem está ocupado todas as horas do dia. A disciplina de quem conhece a hierarquia e o seu lugar no exército.

O nosso soldado, o nosso oficial, quando vive no bairro, fora do quartel, com a sua família, deve ser o cidadão exemplar, o morador exemplar, que participa nas actividades do bairro, que pelo seu exemplo mobiliza os outros cidadãos para as tarefas de melhoria de vida no bairro, da sua organização.

Alhear-se, ignorar, desprezar o Grupo Dinamizador do Bairro, des-

prezar as actividades do bairro, significa não compreender qual a tarefa do exército, significa não compreender que o nosso exército defende a Revolução defende a soberania nacional para o Povo poder viver livre, e livremente organizar a melhorar a sua vida.

Por tudo isto, é necessário darmos uma particular atenção ao recrutamento e à preparação dos nossos soldados.

Os nossos quartéis, onde entram os jovens que vão cumprir o Serviço Militar Obrigatório, devem ser verdadeiros centros de formação político-militar, centros que transformam o Homem, que forjamos o Homem Novo.

A formação dos soldados tem de ter um programa, tem de ser planificada. A formação do nosso soldado inclui, além do treino militar, formação política e ideológica; elevação cultural; conhecimento profundo das suas tarefas; direitos e deveres como soldados da República Popular de Moçambique; trabalho produtivo.

No quartel devem ser destruídos os valores velhos: o tribalismo, o regionalismo, o racismo, o individualismo, o elitismo, os complexos de inferioridade e de superioridade, o espírito de explorador.

No quartel, o soldado aprende os valores novos, forjados na Guerra Popular Revolucionária de Libertação Nacional.

Aprende: o patriotismo, a unidade nacional, o sentido de classe — o soldado é um político armado, um trabalhador, fardado: o espírito de servir o Povo, o trabalho árduo e a vida simples, a disciplina consciente, o internacionalismo.

A formação do soldado inclui: a higiene e limpeza, os cuidados com a saúde hábitos alimentares saudáveis.

Para isso, temos de criar novos quartéis para formar os nossos soldados, os jovens que vão cumprir o Serviço Militar Obrigatório.

Os nossos centros de preparação político-militar devem ser concebidos valorizando a experiência da Luta Armada de Libertação Nacional, valorizando a histórica experiência de Nachingwea.

Devemos construir novos Nachingweas, onde se realize a preparação político-militar de todos os jovens em data militar. Deles sairão: os soldados, os polícias, os membros da Segurança.

Agora alguns estão fardados, mas são elementos da população. Recru-

tado da população directamente para a Polícia. Recrutado da população directamente para o SNASP.

Todos terão de ter uma preparação comum.

Mas é preciso programar também cuidadosamente a formação permanente dos que seguem a carreira militar.

Definimos, na 4.ª Conferência do Departamento de Defesa, que o nosso soldado deve ter uma vida simples, modesta, deve lutar contra o espírito de conforto, deve ter um espírito de trabalho árduo.

Esta regra é particularmente importante para os oficiais. Se os oficiais viverem em palacetes, no conforto e no luxo, prisioneiros da sua mobília, das suas aparelhagens, não estarão em condições de ir ver como está o soldado no seu posto na fronteira.

Um oficial agarrado ao conforto, para que serve? Necessita de reforma.

Os oficiais devem ter uma vida simples. Os oficiais devem manter permanentemente o contacto com os soldados, marchar com eles, viver a sua vida, conhecer a sua camarata e o seu refeitório, saber a situação do seu fardamento, conhecer os seus problemas pessoais.